



**JUNCO
DE FORJÃES**
ESPOSENDE

1



Caderno de Especificações



Editor:
Câmara Municipal de Esposende

Local:
Esposende, 2022

Índice

1. Caderno de Especificações	
1.1. Introdução	4
1.2. Nome ou denominação de Venda do Produto	5
2. Enquadramento cultural, histórico e geográfico da produção	6
2.1. Origem: Século XIX – Inícios do XX	6
2.2. A segunda metade do século XX	8
2.3. A crise das últimas décadas do século XX e o ressurgimento no século XXI	9
2.4. Conclusão	11
3. Delimitação geográfica da área de produção	13
4. Identificação e proveniência das matérias-primas utilizadas	14
4.1. Caracterização da matéria prima: o junco	14
4.1.1. Locais de corte e apanha do junco	15
4.1.2. Trabalho de recolha da matéria prima	16
4.2. O Fio de Juta	18
4.3. O Enxofre	19
4.4. As Anilinas	20
5. Descrição do processo de produção, ferramentas utilizadas, equipamentos auxiliares e designações técnicas	21
5.1. Descrição do processo de produção	21
5.1.1. Secagem do junco / Cora do junco	21
5.1.2. Enxofragem e armazenamento do junco	22
5.1.3. Tingidura do junco	23
5.1.4. Tecelagem	25
5.1.5. Coser a cesta	30
5.1.6. Introdução da asa	32
5.2. Ferramentas e utensílios	32
5.2.1. Teares	33
5.3. Equipamentos auxiliares	35
5.4. Glossário técnico	36
5.5. Vocabulário associado	37
6. Identificação das principais características físicas do produto, tais como dimensões, formas, desenhos ou padrões e cores predominantes	39
6.1. Tipos de esteiras	39
6.1.1. As cestas de junco	39
6.1.2. Imagens ilustrativas dos motivos tradicionais mais frequentes	39
6.1.3. Os tapetes e passadeiras	44
7. Condições de inovação no produto e no modo de produção que garanta a preservação da especificidade do produto	46
8. Bibliografia	47
9. Ficha Técnica	48

1. Caderno de Especificações para a Certificação do Junco de Forjães – Esposende

1.1. Introdução

O ‘Caderno de Especificações’ é o “documento que fundamenta o processo de certificação da produção artesanal a certificar” (Art. 9º do Decreto-Lei nº 121/2015, de 30 de Junho). A certificação do *Junco de Forjães – Esposende*, objeto de investigação deste documento, identifica e caracteriza, de forma rigorosa a produção, onde constam a história da produção, os parâmetros de especificações e de diferenciação deste artesanato de Forjães em relação a produtos semelhantes, confirmando a genuinidade dos produtos.

Seguindo os critérios formalmente estabelecidos no referido art. 9º do Decreto-Lei nº 121/2015, de 30 de Junho, este caderno de especificações integra os seguintes elementos, e passamos a citar:

- a) O nome ou a denominação de venda do produto;*
- b) O enquadramento cultural e histórico-geográfico da produção, considerando a respetiva origem e (ou) o seu vínculo ao centro difusor mais relevante;*
- c) A delimitação geográfica da área de produção, quando aplicável;*
- d) A identificação e caracterização das matérias-primas utilizadas;*
- e) A descrição do modo de produção, designadamente as técnicas e ferramentas utilizadas e os equipamentos auxiliares;*
- f) A identificação das principais características físicas do produto, tais como as dimensões, formas, desenhos ou padrões e cores predominantes;*
- g) As condições de inovação no produto e no modo de produção que, abrindo essa possibilidade, garanta a identidade do produto;*
- h) A referência às normas técnicas a que o produto está sujeito, designadamente as que se relacionam com a fiabilidade do mesmo ou com requisitos específicos de saúde e segurança, sempre que tal se justifique.*

Com o presente ‘Caderno de Especificações’ pretende-se evidenciar as características específicas do *Junco de Forjães – Esposende*, diferenciando-o de outros produtos artesanais semelhantes, pelas especificidades próprias do centro de produção de Forjães – Esposende, a nível nacional e internacional, seja a partir da sua história cultural, seja pelas técnicas e matérias primas usadas na produção, que permitem demonstrar a sua genuinidade e carácter único.

1.2. Nome ou denominação de Venda do Produto

O nome de venda do produto é: “*Junco de Forjões – Esposende*”.

5

Como entidade promotora, a Câmara de Esposende pretende a inclusão desta produção tradicional no Sistema Nacional de Qualificação e Certificação de Produtos Artesanais (SNQCPAT), por parte do Instituto do Emprego e da Formação Profissional, I. P. (IEFP, I. P.), após o que procederemos ao registo no INPI – Instituto Nacional de Propriedade Industrial da indicação geográfica (IG) com a denominação, “*Junco de Forjões – Esposende*”, conforme previsto no nº2 do artigo 13º do Decreto-Lei nº 121/2015, de 30 de junho.



**JUNCO
DE FORJÃES**
ESPOSENDE

2. Enquadramento cultural, histórico e geográfico da produção

2.1. Origem: Século XIX – Inícios do XX

A Vila de Forjães situa-se no concelho de Esposende, no Norte (NUT 2) de Portugal, Minho, na NUT 3, Cávado. Tem a freguesia de Forjães uma área de 8,86Km² e, segundo os Censos de 2012, 2767 habitantes. Situada no Vale do Neiva, faz fronteira com os concelhos de Viana do Castelo, a norte e Barcelos, a este.

O artesanato das esteiras de Junco na Vila de Forjães, concelho de Esposende, é um dos patrimónios culturais, a nível material e imaterial, mais estimados e queridos pela população local. Esta vila é herdeira de uma longa e rica tradição histórica. A “*Villa Froganis*” deixou nos topónimos a memória de menires (Bouça dos Marcos), mamoas, a divisão e fixação da propriedade, a sua orografia, as atividades de exploração dos recursos da terra e da água, mas também das suas tradições artesanais. Desde o seu centro de povoamento, à volta da primitiva igreja com culto a Santa Marinha, onde a comunidade cristã se estabilizou entre os séculos X e XII, progrediu e ocupou a terra circundante. A riqueza da Agra de Forjães consolida o futuro da paróquia.

A fertilidade das agras de Forjães fez crescer o número dos habitantes. O único sustento era a terra, mas a produção oriunda da terra não era suficiente para suportar todas as famílias, pois poucas delas eram detentoras da terra que trabalhavam. Para garantir a sobrevivência, dedicavam-se a trabalhos nas casas dos lavradores proprietários, mas sempre ansiavam por outros recursos. Para completar e acompanhar as atividades agrárias, alguns habitantes de Forjães tinham ofícios de produção artesanal, como, por exemplo, o fabrico de remos e pás. Os engenhos hidráulicos do rio Neiva (por ex. os engenhos do Tranquinha, do Floriano, e o da Quinta da Madorra) cortavam madeira para a construção civil e outros fins. Também aqui se faziam gamelas de madeira, e daí o topónimo de “gameleiros” no lugar do Cerqueiral. Para usos vários na agricultura produziam os cestos de aparas de madeira de freixo e de salgueiro. Rica também era a tradição da tecelagem. Todo este ‘*saber fazer*’ acumulado ao longo de gerações, na confeção dos cestos e da tecelagem, vai ser de grande utilidade para o famoso artesanato do junco de Forjães, que veio a transformar-se na principal indústria artesanal em grande parte do século XX.

O lugar da Pedreira, que passou a ser um dos mais povoados da freguesia, recebeu, no século XIX, um imigrante, portador de uma ‘novidade’, logo copiada e reproduzida pelas restantes famílias. O bisavô da “tia Lurdes da Porcena”, vindo de Ovar para Forjães, iniciou no artesanato do junco as famílias desse Lugar da Pedreira (Almeida, 2001: 433). De tal forma a nova fonte de rendimento se evidenciou, que logo se disseminou pelos lugares de Monte Branco, Neiva, Matinho

e Madorra, entre casamentos e migrações internas, tornando-se relevante em meados do século XX.

Como vimos, as famílias onde se iniciou esta arte de trabalhar o junco eram famílias sem propriedade fundiária suficiente que lhes permitisse ter o seu sustento na agricultura. As famílias completavam o trabalho da terra própria ou dos serviços aos lavradores proprietários com o labor artesanal na produção de artefactos e têxteis, úteis à casa e até para venda. Se num primeiro momento os homens dedicavam-se à produção de artefactos e as mulheres aos têxteis, daí a existência em cada casa de dois teares, o do junco para os homens e o dos tecidos para as mulheres, com o tempo as mulheres substituíram os homens e ocuparam-se dos dois, com clara perda para o labor dos tecidos. Mas como esta era uma atividade para produção e venda, obrigando a viagens e relações comerciais com locais que não se resumiam às feiras mais importantes das terras vizinhas (Esposende, Barroelas – Couto de Capareiros -, Barcelos e Viana do Castelo), mas que iam até às lojas do Porto e de Braga, a presença do homem foi-se mantendo. Os homens foram, no início, os principais intervenientes, como seria previsível numa sociedade patriarcal, onde o dever de sustentar a família lhes estava atribuído.

Importa, aqui, realçar esta dimensão familiar do artesanato do junco, pois falar do artesanato do junco, em Forjães, é falar de famílias, de redes familiares, da transmissão entre parentes. A arte do trabalho do junco enraizou-se e cresceu de tal forma que os nomes dos artesãos sucedem-se em cada família de ‘esteireiros’: o Tio Albino Esteireiro; o seu pai Alberto, que já fazia cestos; a Emília, a quem chamavam “A Pata”; a Paulina, irmã do Padre Avelino, pároco em S. Bartolomeu do Mar; o Alfredo da Celeste, filho do tio Albino Esteireiro; a Tia Fina da Mana; a Adelaide do Límpio; a tia Emília do Gaio; as do Roque; o António Joaquim, a quem chamavam “O Cravo”, por ser bonito (!), irmão de Ernesto Pereira da Rocha, pai da Mena do Rio, digna herdeira e transmissora do saber fazer de uma grande linha de homens esteireiros; a Carmo, artesã que conheceu e conviveu com esta família de esteireiros, continua a tradição. Estamos perante ramos familiares que se cruzam e são lembrados até aos nossos dias e que ainda hoje têm herdeiros. No princípio era este trabalho do junco realizado por homens, como vimos, ajudados pelas esposas e filhas.

Segundo testemunhos, houve quem conciliasse a produção de cestos de madeira com a produção de esteiras e cestas de junco. O produto que entra no século XIX, a esteira de junco, e que vai dar o nome aos artesãos (os ‘esteireiros’), depressa coabita com a produção das cestas de junco. Há algumas ‘estórias’, para explicar a origem das cestas, que dizem serem estas muito posteriores às esteiras. Mas a maior parte dos informantes, de experiência própria (pois iniciaram-se na geração mais produtiva e relevante da história dos esteireiros, quando esta foi uma atividade que deu notoriedade à freguesia), e do que ouviram de seus pais e avós, sempre lembram, desde as primeiras décadas do século XX, a coexistência das esteiras e

das cestas de junco. Há quem se lembre de os mais velhos dizerem que antes de as tecerem nos teares, as faziam diretamente no chão. Mas a verdade é que velhos teares ainda hoje são guardados nas casas de Forjães.

2.2. Segunda Metade do Século XX

Em meados do século XX a produção artesanal de junco adquiriu tal importância na freguesia de Forjães que levou a um número significativo de pessoas dedicadas a esta atividade. Importa mais uma vez realçar que sempre a produção do artesanato do junco, dentro das casas familiares, se conjugava com as outras atividades agrárias. Mas os artesãos prosperaram e criaram uma tradição familiar alicerçada no junco. Desde a recolha do junco nas junqueiras dos estuários dos principais rios do Alto Minho, até à sua comercialização, que chegava ao Porto e inclusive a clientes de Lisboa, dividiam-se as responsabilidades entre os membros da família. A permanência deste ofício como uma atividade de produção e venda, obrigava a viagens e relações comerciais com locais para além das feiras locais. As cestas chegavam às lojas do Porto e de Braga, onde frequentemente se deslocava o homem da casa. Era preciso negociar com estranhos, levar os cestos ao comboio ou diretamente aos clientes mais distantes. Assim, a presença do homem manteve-se quando já se afirmavam grandes artesãs, as herdeiras da primeira e segunda geração de esteireiros, as quais instruíram toda uma tradição de trabalho e um saber fazer artesanal. Por isso os nomes desses homens permanecem na memória coletiva.

Trata-se de uma memória presente ainda nos esteireiros e nas mulheres que, hoje, trabalham o artesanato do junco. Uma arte de trabalho e transmissão familiar, herdada por singulares artesãs, o futuro desta produção.

Com a evolução social e económica, o surgimento de um sector produtivo ligado ao operariado e, posteriormente, com a emigração, esta atividade foi sendo ocupada pelas mulheres. Mas raramente tecer o junco era um trabalho a tempo inteiro, pois as exigências familiares e outras obrigações de trabalho não o permitiam. No entanto, este foi o período áureo do artesanato de junco de Forjães e muitas horas do dia e da noite foram dedicadas à produção das esteiras para cestas e tapetes. Os artesãos tinham contratos verbais e obrigações de produção com clientes já historicamente ligados à família. Quando se aproximava a data de entrega de uma determinada quantidade de obra, todos se empenhavam em cumprir o que estava acordado, sendo ainda hoje essas noitadas épicas lembradas pelos artesãos e artesãs já reformados. Adormecer ao tear acontecia muitas vezes para garantir a encomenda entregue na estação de Alvarães, onde o comboio a levaria aos comerciantes do Porto e outras localidades. Segundo Álvaro Miranda (1957), no ano de 1956 existiam entre 80 a 90 esteireiros na freguesia de Forjães.

2.3. A crise das últimas décadas do século XX e o ressurgimento no século XXI

Nas últimas décadas do século XX o processo de industrialização, com a promessa de salários garantidos e a continuação da emigração, na busca de melhor vida, vieram dar um rude golpe no artesanato do junco, quase o levando à extinção. Os homens migraram ou empregaram-se na indústria de cerâmica das terras vizinhas; as mulheres empregaram-se em fábricas de confeção e em outros serviços onde o ordenado mensal lhes dava segurança para constituir família sem dependência da casa familiar e dos recursos do campo.

Lentamente, a perda de estatuto dos artistas do junco e a perda de relevância desta atividade na economia familiar, faz com que não seja atrativa para novos artesãos. Por esta altura a própria sociedade desvaloriza os produtos artesanais, bem como tudo o que fosse relacionado com a terra e o esforço manual. A procura de produtos novos, a proliferação dos produtos de plástico e dos tapetes produzidos industrialmente, a perda de mão-de-obra conhecedora e interessada nesta atividade, tudo se conjugava para o fim de um património cultural que tanta notoriedade tinha dado à freguesia.

Apesar de todos os riscos associados aos novos sistemas de produção industrial e à quase perda de mão-de-obra especializada, Forjães manteve sempre uma forte ligação ao artesanato de junco. Esta manutenção fez-se por duas ordens de razão: haver quem tivesse o conhecimento experimentado ao longo de gerações; e, mais recentemente, um novo valor atribuído ao artesanato, como elemento identitário, na sequência de uma nova relação com o património cultural associado às tradições rurais e artesanais, contextualizados agora na oferta patrimonial e turística.

Nos anos de 1991 e 1992 realizaram-se dois cursos de esteireiros de junco. De alguma forma este ano de 1991 atraiu a atenção sobre o artesanato do junco, pois a 24 de Maio realizou-se no Salão da Junta de Freguesia de Forjães uma conferência proferida pelo Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida, nascido em Forjães, sobre a história do Junco de Forjães. Os cursos organizados estão dentro deste espírito de atração de novos artesãos. Aconteceram estes cursos no âmbito do Programa CPC – Conservação do Património Cultural, patrocinado pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional, realizado na ACARF Forjães. O êxito deste curso viu-se pelas exposições dos trabalhos dos formandos, desde a realizada nas festas de Sta. Marinha, em Forjaes, até à exposição em Lisboa, no Fórum Picoas, bem como por reportagens da RTP, realizadas nesse momento em Forjães. Por esta ocasião surgiu a hipótese da constituição de uma Cooperativa de Artesãos, e de novos modelos de produtos em junco.

A Associação ACARF Forjães levou em 1992 uma artesã, a Sr.^a Celina Teixeira, à Mostra Distrital de Encontro de Gerações, realizada em Braga, participando com o seu Centro de Convívio para a Terceira Idade. Ali, a artesã manuseou um tear de junco onde fez uma cesta de junco e ganhou o direito a ir à Mostra Nacional, em Lisboa.

Uma artesã de Forjães, conhecida como 'Mena do Rio' (Filomena), cuja família sempre trabalhou no artesanato do junco e que desde a meninice bebeu dos conhecimentos dos seus familiares, manteve a tradição. Herda dos antepassados um centenário tear, ainda hoje utilizado. Manteve o trabalho do junco e levou o seu trabalho às feiras de artesanato mais importantes do país e até do estrangeiro, ao mesmo tempo que participou em eventos culturais e turísticos promovidos pelo Município de Esposende. Durante vários anos esta atividade foi uma missão singular e pouco atrativa para uma via profissional.

O quase desaparecimento do artesanato do junco estanca quando se promove um curso profissional para conquistar novas aderentes a esta arte, ao mesmo tempo que se promove a cesta de junco Forjães. Na sequência deste curso uma artesã, D.^a Carmo, resolve fazer do artesanato das cestas de junco a sua profissão, investindo na produção de cestas, seguindo a tradição forjanense. A artesã já trabalhara, quando jovem, junto de famílias de grande tradição esteireira. Dá, assim, continuidade ao genuíno artesanato de junco de Forjães, introduzindo algumas inovações. O Município de Esposende volta a apoiar este artesanato, convidando a artesã para eventos e sessões de promoção do artesanato de junco. Por sua vez, o regresso de Mena do Rio à freguesia de Forjães coincide com o renovado interesse na preservação e promoção do artesanato do junco, numa sociedade cada vez mais interessada neste tipo de produto, pelo saber tradicional e pela sustentabilidade das matérias-primas utilizadas.

O ressurgimento do artesanato vem da maior atenção das sociedades urbanas pela arte popular, valorizando estéticas e materiais mais próximos da natureza e amigos do ambiente. As palavras 'autenticidade' e 'obra tradicional' adquiriram novos valores e conseqüente procura. Os designers buscam estas obras, seja pela beleza inerente às matérias e cores usadas, seja porque a inovação e a busca da singularidade já não está somente nos produtos altamente tecnológicos e até associados a um desenvolvimento predador ou poluente dos recursos ambientais, mas naqueles que permite uma maior aproximação à ecologia sustentável e a matérias naturais.

Tudo isto coloca sobre os artesãos e produtos novos desafios. A dimensão mais positiva desta recente atenção é a valorização do trabalho dos artesãos que regressam a esta produção artesanal. Se a atividade estava há muito pouco tempo em risco, com duas ou três artesãs, nos últimos tempos vimos surgir novos talentos e novos projetos.

Nos últimos anos o Município de Esposende tem apoiado várias iniciativas de promoção do artesanato do junco, em colaboração com a Junta de Freguesia da Vila de Forjães, com estas artesãs e com investigadores da Universidade do Minho e outras academias. Deste trabalho surge o projeto de criação de um Centro Interpretativo para o Junco, em Forjães e este processo de certificação.

No início deste século XXI, ao lembrar à comunidade a riqueza e beleza deste artesanato do junco, chama-se novamente os forjanenses a terem orgulho no seu património cultural, produzindo-o e dando-o a conhecer. O interesse da comunidade local, e o atrativo que este artesanato está a criar a nível nacional, tem motivado novos artesãos. A certificação do Junco de Forjães será um passo essencial para o ressurgimento, proteção e valorização deste património cultural de Forjães, ao mesmo tempo que garante a genuinidade do produto. As medidas de formação e incentivo, bem como o estudo encetado e a construção de uma imagem de marca forte e atrativa contribuirão para o desenvolvimento de mais unidades produtivas artesanais onde se garanta a qualidade e genuinidade deste artesanato.

2.4. Conclusão

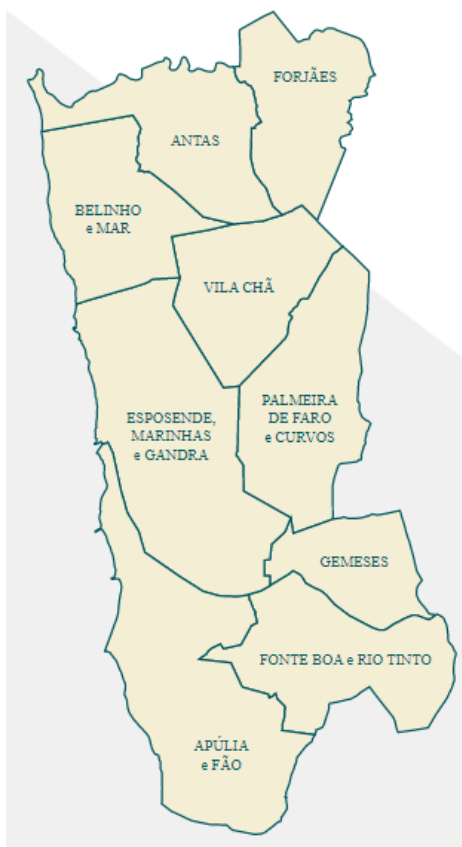
A forte tradição artesanal de Forjães foi o espaço privilegiado para receber e desenvolver o artesanato do junco, aqui chegado no século XIX. O apogeu que teve no século XX deve-se a uma extraordinária conjugação de fatores: um saber fazer histórico; o impacto da adesão de um número significativo de famílias do lugar da Pedreira a este artesanato, aumentando a produção, especializando-se nela, junto com uma capacidade de criação de redes de comércio para territórios bem distantes da freguesia; o ter aproveitado os recursos naturais existentes na proximidade, mas não tão próximos como seria espectável, pois podiam usar o junco do rio Neiva, de águas doces, mas procuraram o junco de água salgada, o junco marítimo, que lhes garantiu a qualidade e a diferenciação.

As vicissitudes dos processos industriais e das emigrações deixaram um legado social e económico a colocar em risco a preservação deste património cultural. No entanto, a partir do século XIX, sempre se produziu o artesanato de junco em Forjães. As novas valorizações do artesanato e deste património cultural, fortemente identitário para a comunidade de Forjães, suscitaram um ressurgimento do mesmo. Se o próprio Estado português está consciente do papel do artesanato como fator de *'afirmação da identidade nacional, na sua pluralidade cultural, na criação de fatores competitivos assentes nessa diferença, na promoção do desenvolvimento local e da fileira turística, na valorização de profissões com conteúdo criativo e na promoção do emprego qualificado, inclusive, junto das gerações mais jovens'* (Decreto-Lei nº 121/2015, de 30 de junho), então a certificação deste artesanato de junco contribuirá para este desiderato.

A genuinidade e diferenciação das esteiras e cestas de junco dos artesãos de Forjães, a sua qualidade, sempre superaram qualquer rival. As artes de fazer e as matérias-primas utilizadas fazem essa diferenciação e qualidade. Por todas estas razões se apresenta este “Caderno de Especificações” para a sua certificação.

3. Delimitação geográfica da área de produção

Como a investigação realizada demonstra, é na freguesia da Vila de Forjães onde se notabilizou e se pratica o artesanato de junco, no concelho de Esposende. Desde o século XIX, centrado no lugar da Pedreira, e depois em outros lugares da freguesia, conforme as famílias se relacionavam ou disseminavam por casamento ou outra razão de mudança de residência, o artesanato do junco é reconhecido como pertencente à freguesia de Forjães. Havendo a possibilidade de alguns artesãos poderem migrar ou casar fora da freguesia, julgamos ser mais apropriado estabelecer como delimitação geográfica, para efeitos de certificação, a área do concelho de Esposende, onde se situa a freguesia de Forjães, sempre salvaguardando os parâmetros técnicos e estéticos desta produção artesanal desenvolvida na freguesia de Forjães, por ser esta a referência que identifica o artesanato do junco no concelho de Esposende.



Concelho de Esposende

4. Identificação e proveniência das matérias primas utilizadas

4.1. Caracterização da matéria prima: o junco

A principal matéria-prima de produção para as *cestas de junco de Forjães – Esposende* é, como o próprio nome indica, o junco. Uma das especificidades do artesanato de junco de Forjães é a utilização de junco de água salgada (nome vulgar: junco marítimo), nascido nos estuários de alguns rios relativamente próximos.

Figura 1. Junco marítimo

Juncus effusus

Domínio:	<i>Eukaryota</i>
Reino:	<i>Plantae</i>
Superdivisão:	<i>Spermatophyta</i>
Divisão:	<i>Magnoliophyta</i>
Classe:	<i>Liliopsida</i>
Subclasse:	<i>Commelinidae</i>
Ordem:	<i>Poales</i>
Família:	<i>Juncaceae</i>
Género:	<i>Juncus</i>



A planta ***juncus*** é do género botânico de plantas floríferas. É uma planta herbácea vivaz de 80 a 150 cm, densamente cespitosa com rizoma horizontal. Estas plantas são conhecidas como **juncos**, pertencente à família das *Juncaceae* (nome comum: *junco-marítimo*).

Tem caule cilíndrico com três fileiras de folhas. Os caules aparecem rodeados na parte inferior por 2 a 5 bainhas pardas e brilhantes. As folhas são muito delgadas, com limbo quase cilíndrico e maciço, terminando em ponta rígida e aguçada. Na inflorescência possui várias flores, em antela, grande, quase paniculada. As flores, miúdas, são esverdeadas e amareladas/castanhas, com perianto constituído por 6 tépalas e androceu com 3 a 6 estames. O fruto é uma cápsula elipsóide, com numerosas sementes. A sua floração vai de junho a agosto. Este género de plantas é muito diverso, apresentando aproximadamente 915 espécies. Cresce em zonas alagadiças, normalmente em sapais de zonas estuarinas, onde a água salobra tem regimes de caudal e de cota marcados pela influência das marés.

Distingue-se o junco de água salgada do de água doce pela grossura e constituição do caule. A vagem do junco do rio encima o caule e apresenta sementes escuras num aglomerado que mais parece ser composto de pó. Por sua vez, a consistência da medula e dos caules são bem diferentes. O caule do marítimo é mais fino e robusto, com medula quase inexistente e, por isso, menos quebradiço. Já o caule do junco do rio é mais grosso, albergando medulas espessas, facilmente retiráveis do interior (e por vezes utilizadas como pavio de velas). Menos resistente e quebradiço, o junco do rio era, por vezes, usado para contrastar com o marítimo, o dominante no tecer das esteiras e cestas.

Os artesãos de Forjães optam pelo junco marítimo, uma das especificidades deste artesanato. Ou seja, ao contrário de outro artesanato em junco, que usa o junco de água doce (o uso do junco para artefactos domésticos é milenar), a escolha feita para o artesanato de junco em Forjães mostra uma capacidade de diferenciação das qualidades das duas espécies, com claro valor acrescido, pelas suas próprias características, do junco de águas salgadas. De realçar que a Vila de Forjães tem no seu limite norte o rio Neiva, onde se construíram azenhas para moer cereais e engenhos para corte de madeiras e para tratamento do linho, mas os esteireiros forjanenses não usam o junco deste rio no seu ofício. Podiam recolher ali no rio o junco para a sua produção, mas preferem buscá-lo mais longe. Optam pelo junco de águas salgadas, ao quererem uma obra boa e duradoura, para além de esteticamente bonita. Os fregueses são exigentes e estimam o que conhecem da produção de Forjães. Por outro lado, cada família esmera-se na fama adquirida e nos clientes com quem estabelecem laços de longa duração. Quando satisfeitos, estes clientes raramente trocam de fornecedor.

Não tendo por perto o junco das águas salgadas, vão cortá-lo às junqueiras do Rio Lima, do Âncora e dos estuários do Coura/Minho e, posteriormente, do Cávado. Com este junco tecem esteiras e cestas, assentos de cadeiras e outros utensílios domésticos.

4.1.1. Locais de corte e apanha do Junco

Os artesãos e suas famílias, junto com pessoas contratadas à jorna, cortam o junco em três zonas estuarinas privilegiadas de terras alagadiças: os estuários do rio Minho e do Coura, do rio Âncora, do rio Lima, e o do rio Cávado, mais recentemente.

O principal local de apanha do junco é o sapal da margem esquerda do rio Lima, uns dois/três quilómetros a montante da foz. Mas também já foi cortado na margem direita do rio Lima e nos estuários anteriormente referidos.

4.1.2. Trabalho de recolha da matéria-prima

No passado, esta atividade de recolha do junco era realizada num dia de grande azáfama, onde ao trabalho, muito duro, por ser artesanal o corte e em zonas alagadiças com muitos mosquitos, acrescia a dimensão festiva e lúdica. Os artesãos compravam lotes de juncal aos proprietários das terras ribeirinhas, ao mesmo tempo que informavam as autoridades marítimas, das quais precisavam licença de corte. Há uma época própria para cortar o junco. Esta atividade está dependente das marés e da maturação do próprio junco.

Assim, corta-se nos meses de verão, desde o final do mês de junho, no de julho, até meados de Agosto, sendo os dias escolhidos em função das luas, ou seja, das luas que proporcionavam as maiores marés vazias. As épocas especiais de grande baixa-mar, coincidem com a lua em quarto minguante e quarto crescente.

Este é o primeiro momento do processo de recolha, para ter o junco necessário para a produção de artefactos do junco durante todo o ano. Optamos por colocar aqui o desenvolvimento deste processo pelo facto desta atividade não ser específica dos artesãos, mas de um conjunto de pessoas, familiares, amigos, e outras contratadas, desde os que 'segam' o junco, os que limpam e atam os molhos, bem como os transportadores do junco, para a freguesia de Forjães, onde depois é tratado e trabalhado.

Figura 2. Corte do Junco na junqueira



Falemos da atividade de segar o junco e seu transporte:

O junco corta-se (sega-se) nas junqueiras de vários estuários. No passado, cada família já tinha apalavrada a 'roça' (a parte do local onde se roçava o junco, na junqueira) com os donos dos juncais, de ano para ano. Mas tinha-se de confirmar as datas e, por isso, em fevereiro, já se 'davam os papéis' (sabia-se as marés-baixas e escreviam-se as datas em papéis para entregar a quem ia cortar o junco). Cortasse-se ou não o junco, tinha-se de pagar o acordado! Era a junqueira do Sr. António da Torre, da Meadela; a do Carvalho ou da Casa da Brea, de Santa Marta de Portuzelo, ou a junqueira do Rosas, em Darque. Na atualidade vai-se a Mazarefes ou até já ao Cávado. O corte do Junco faz-se nos meses de julho e agosto, em quarto minguante e quarto crescente, ou seja, quando o junco está crescido e há melhor 'assejo' (momento de maior baixa-mar, que, por isso, não cobre a junqueira).

No passado, o dia de corte de junco era dia de exceção. As famílias uniam-se e até contratavam pessoas assalariadas. Se fossem para o estuário do rio Lima, próximo de Viana do Castelo, no final do dia voltavam com o junco recolhido. Se fossem para Caminha, podiam lá permanecer uma semana, dormindo todos juntos, homens e mulheres, no 'morro', um dos locais mais secos da junqueira (Almeida, 1978), comendo do que cozinhavam.

Atrás das cortadeiras seguem os sacudidores, que separam o junco das ervas, cortadas ao mesmo tempo, pois crescem no meio dele. No passado, o junco cortado, apanhado e sacudido, limpo das ervas, era enfeixado em molhos e carregado à cabeça até um local na margem do rio, onde depois um camião contratado o recolhia para ser transportado para Forjães. Já não eram os 'bois do Grilo', que iam até Viana, mas o camião do Pato de Barroselas, o do Jorge do Abreu, o do Benjamim, ou o do Norberto. Este era um trabalho duro e muito difícil, pelo calor abrasador na junqueira, livre de qualquer sombra.

Todos lembram esse calor de verão e a infinidade de mosquitos, alegres no lodo das regueiras e ferozes na pele dos homens! Mas, nesse tempo era também um ritual de iniciação. Os mais jovens eram batizados nas águas sujas das regueiras; e os moços e moças, novos e mais velhos, aproveitavam para serem mais atrevidos nas palavras, cantos e brincadeiras.

Na atualidade o corte do junco já não tem o mesmo ambiente e as mesmas sociabilidades do passado. As esteireiras recorrem ao apoio da família ou a um pequeno grupo que, numa jornada, corta e recolhe o junco necessário para um ano de trabalho. A mobilidade é mais fácil e o trabalho mais organizado para que tudo se resolva em tempo sem grandes delongas.

Foto 4. Separar o junco das ervas



Foto 5. Os molhos de junco, prontos a transportar



4.2. Ofio de Juta

Para a urdidura do tear é utilizado o fio de juta. Este fio vegetal é extremamente robusto e garante a resistência da obra de junco produzida.

Utilizados na urdidura longitudinal, são mantidos estacionários e em tensão no órgão do tear, onde se trama longitudinalmente o junco. É do entrelaçamento de fios de juta e dos caules do junco, que se tecem as esteiras e cestas de junco. O fio de juta

é um fio natural oriundo de uma fibra têxtil vegetal da família *Tilioideae*. Trata-se de uma erva lenhosa que pode atingir 3 a 4 metros e cresce em climas húmidos e tropicais. É muito utilizado para decoração e embalagem, devido ao seu aspeto tradicional e artesanal.

Aqui a *juta* serve como urdidura da tecelagem do junco e como fio para coser as cestas.

Figura 6. Fio de Juta



4.3. O enxofre

O enxofre é utilizado na preparação do junco antes de ser armazenado ao natural e, algum dele, depois, tingido. A 'enxofragem' (enxoframento) é realizada colocando o enxofre a arder por debaixo dos feixes de junco, dispostos em pilha, com abertura central. O enxofre é um não-metal de coloração amarela, mole, frágil, leve, o qual desprende um odor característico de ovo podre ao misturar-se com o hidrogénio. Arde com uma chama azulada, formando dióxido de carbono.

O uso do enxofre faz-se tanto pelas suas características fungicidas, para preservar o junco, como pela sua capacidade de branquear o junco, dando-lhe a cor final tradicional que, quando não tingido, embeleza a obra final produzida com o junco.

Trata-se de um processo tradicional que se faz em Forjães, assim como em outros pontos do país (Alcobaça, Santarém) onde se produz artesanato em junco, sem prejuízo de futuramente se poder e dever investigar, e eventualmente adotar, outros processos alternativos que atualmente são desconhecidos.

Figura 7. Recipiente com o enxofre queimado



4.4. As anilinas

Parte do junco, depois de secado e enxofrado, é sujeito à tinturaria com anilinas. Na estética das esteiras e cestas prevalece a cor natural do junco. Mas são as cores utilizadas para figurar desenhos esquemáticos, lineares e florais, a dar às peças de junco a sua beleza distintiva.

As anilinas são um corante em pó concentrado, com alto poder de tingimento, solúveis em água. Anilina, fenilamina ou aminobenzeno, é um composto orgânico, líquido incolor e ligeiramente amarelo de odor característico e um sabor aromático cáustico que se obtém a partir do nitrobenzol. Com a anilina produzem-se os mais variados corantes, desde o azul de metileno, passando pela fucsina, pela eosina, pelo vermelho-do-congo e pelo violeta-de-genciana, entre outros. As anilinas são aqui utilizadas para tingir o junco nas várias cores presentes nas cestas e esteiras. No início eram utilizadas somente as cores verde e vermelha, mas, com o tempo, aumentou a paleta de cores.

Figura 8. Sacos com as anilinas



5. Descrição do processo de produção, ferramentas utilizadas, equipamentos auxiliares e designações técnicas.

Após a recolha do junco nos juncais estuarinos, onde participam muitas pessoas, para além dos artesãos do junco, desde os familiares a trabalhadores contratados, faz-se a primeira triagem e limpeza do junco. Depois, seguem-se várias etapas com processos de tratamento do junco e de produção.

5.1. Descrição do processo de produção

5.1.1. Secagem / cora do junco

Chegou o momento de tratar o junco cortado na junqueira e transportado para a casa dos artesãos. Aqui ele é espalhado, em carreiras sucessivas, para secar e corar ao sol, num campo desimpedido, perto da casa de residência. Já aí se faz a primeira escolha (depois da limpeza na junqueira), eliminando o junco partido e inútil, ou sem a qualidade pretendida.

Foto 9. Junco pronto a ser disperso para secagem



O junco fica a corar ao sol durante cerca de uma semana. O maior risco é a chuva, mas em pleno verão é possível programar esta secagem sem correr esse risco. É muito importante que seque bem, para garantir que não venha a apodrecer durante o tempo de armazenamento, e para que ganhe a cor própria resultante da cora. Depois de seco é novamente selecionado e junto em molhos. Logo de seguida é recolhido em cobertos ou lugares secos, onde se conserva para o passo seguinte.

Foto 10. Junco a corar ao sol



5.1.2. 'Enxofragem' (enxoframento) e armazenamento do junco

Após ter secado ao sol e junto em molhos, e depois de guardado, passa o junco por um processo de tratamento com queima de enxofre, durante 3 horas. O objetivo é usar as qualidades do enxofre como fungicida e como branqueador. Mas também lhe vai dar uma cor mais amarelada. Separado dos grandes molhos e agora empilhado em molhos mais pequenos, deixando no centro um espaço aberto para passar o fumo do enxofre, coloca-se na base um recipiente com cerca de meio kg de enxofre, onde depois se colocam brasas a arder, para a queima lenta do enxofre. Cobre-se tudo da forma o mais estanque possível, para que o fumo do enxofre impregne a totalidade da palha de junco exposta ao fumo (cerca de 7 pequenos molhos). Passadas mais ou menos 24 horas, e destapado o junco, ele é lavado, para que saia toda a sujidade ainda presente. Neste momento faz-se a escolha final do junco a trabalhar.

É também neste momento que se seleciona o junco a tingir e daquele que permanece com a cor crua e amarelada do processo de enxoframento. O podre (retraça), as espigas e o junco partido são retirados; o que tem algumas manchas vai para tingir e o que está com melhor apresentação fica reservado para ser trabalhado sem tingimento.

Figura 11. Enxoframento



Terminado o processo de enxofrar o junco, guarda-se em local seco a palha assim tratada, para, posteriormente, ser utilizada ao longo do ano.

5.1.3. Tingidura (tingimento) do junco

Foto 12. Preparação das anilinas para tingimento



Quando se pretende o material para trabalhar no tear, vai-se procurar o junco armazenado. E porque é necessário o uso de junco com várias cores, incluindo a cor natural, sem tingimento, que é predominante, procede-se ao tingimento do restante, usando as anilinas. No início só se tingia com duas cores, o verde e o vermelho; depois foi-se acrescentando outras cores, como o rosa, o amarelo, o azul e o lilás.

O tingimento é feito com anilinas compradas nas drogarias. O tingimento procede-se da seguinte forma: num recipiente ferve-se água, à qual se acrescenta a anilina com a cor pretendida. Segue-se a introdução no recipiente de um pequeno molho de junco. Primeiro uma parte, depois a outra (uma metade do molho, e depois a outra), até estar todo o junco bem tingido.

Depois de tingido, o junco fica 24 horas a secar sem ser utilizado. Um trabalho moroso, sujo, para o qual se reserva dia próprio, de forma a tingir a maior quantidade possível de junco, pensando no trabalho a fazer. Tinge-se junco nas várias cores pretendidas, seguindo-se umas às outras, no mesmo recipiente ou utilizando um recipiente para cada cor a tingir. Reservam-se dias próprios para esta atividade, porque muito suja e a exigir cuidados específicos, tentando garantir o material necessário para os dias de trabalho no tear durante o ano.

Foto 13. Junco tingido



5.1.4. Tecelagem

Com o junco cru e o tingido, tendo em conta a obra que se pretende realizar, urde-se o tear e inicia-se a tecelagem do junco. Para se comporem as cestas e as esteiras é preciso, primeiro, tecer as tiras das diferentes partes do produto final no tear.

Foto 14. Urdidura



Figura 15. Tear urdido



O tear é assim composto:

1. os **rolos ou órgãos** (um fixo – A, e outro móvel - B);
2. as **Barandas** (Varandas – duas peças de cada lado, onde corre o rolo);
3. o **Fuso** (para esticar o fio);
4. os **Pés** (que suportam as Barandas);
5. os **Pentes** (por onde passam os fios de juta, onde é tecido o junco).

Nas Barandas (Varandas) corre o rolo, conforme o tamanho da peça a fazer. Um Ferro, colocado em furos ao longo das Barandas, fixa o órgão B e delimita o comprimento da peça (a 'tira'). Para se conseguir estas tiras procede-se, então à urdidura do tear, acto que os artesãos chamam de 'urdir do tear'. Consiste esta ação em escolher o pente a utilizar, tendo em conta o trabalho final que se pretende; passar o fio de juta pelos orifícios do pente e pelos dois órgãos, fixando os fios, para que, por entre eles, se possa tecer o junco.

O esteireiro prende o fio ao órgão **A** e depois de o fazer passar pelo respetivo orifício do pente volante, passa por cima do órgão **B**, e regressa ao ponto de partida. Repete esta ação conforme o número de fios que quer na urdidura, conforme o tamanho que pretende para a esteira. Quanto maior o número de fio urdido, mais larga a esteira a tecer. Mas os fios têm de ser em número par, uma urdidura que vai de treze a vinte pares de fios. Nas partes laterais da urdidura colocam-se fios duplicados para garantir uma maior solidez à esteira, e poderem aguentar com as pontas e os pés do junco que, ao tecer, são dobrados para o interior da esteira.

Urdido o tear, inicia-se a tecelagem do junco, com o 'arreio do tear'. Passa-se o junco entre os fios, de uma extremidade a outra, onde a 'lançadeira' não é um objeto, mas sim os próprios dedos do(a) artesão(ã). Alterna-se a passagem (superior / inferior) do junco entre os fios, usando um número diferente de caules, conforme o pretendido pelo(a) artesão(ã), para terminar nas margens, com rebaixamento e fixação inferior do junco, que posteriormente será aparado.

Após introduzir / tecer vários caules, procede-se ao aperto do junco já trabalhado, dando uma 'batidela' com o pente nessa parte. Entretanto vai-se alternando e introduzindo caules tingidos para 'desenhar' na tira padrões geométricos, lineares ou vegetais coloridos, conforme planeado pelos artesãos. Conforme a peça (a tira) vai crescendo, move-se o rolo e estica-se o fio, com o Ferro, correndo a tira tecida para a parte inferior do tear. A trama e a urdidura fazem o 'pano' ou 'tira' de junco tecida. Os fios de juta da urdidura mantêm-se estacionários, armados no tear e a trama de junco, transversal, é puxada e inserida por cima e por baixo da urdidura com os dedos experimentados dos artesãos.

A beleza das esteiras está no material, mas sobretudo no jogo de cores e formas que as ornamentam. Há ornamentações que são escolhidas, entre as várias disponíveis (e que iremos já referir), pelos compradores ou comerciantes intermediários. Outras seguem os padrões estabelecidos e vivem da criatividade dos artesãos. Como dissemos, no início só se utilizavam três cores, a do junco sem tingimento, o verde e o vermelho. Posteriormente outras se juntaram e formam a atual paleta de cores das esteiras de Forjães: o rosa, azul, amarelo e lilás.

Os desenhos são na sua maioria geométricos, mas também os temos lineares (as cores intercalam-se em linhas/ barras sobrepostas), de motivos florais e vegetais ou simbólicos. Temos, assim, desenhos com os seguintes nomes: as flores, as barras, o quadrado, o pão, a estrela, as riscas, a lançadeira e o X.

Foto 16. Tira ou 'pano' de junco tecido, no órgão do tear



As tiras ou 'panos' de junco tecidos, conforme o tamanho pretendido, vão-se espaçando no tear, para não desfazer a urdidura. Serão posteriormente separados aquando da confeção da cesta; ou logo retirados para depois se proceder ao acabamento das esteiras para tapetes.

Foto 17: Tira de junco cru, sem tingimento



Foto 18. Tecer os motivos e as cores



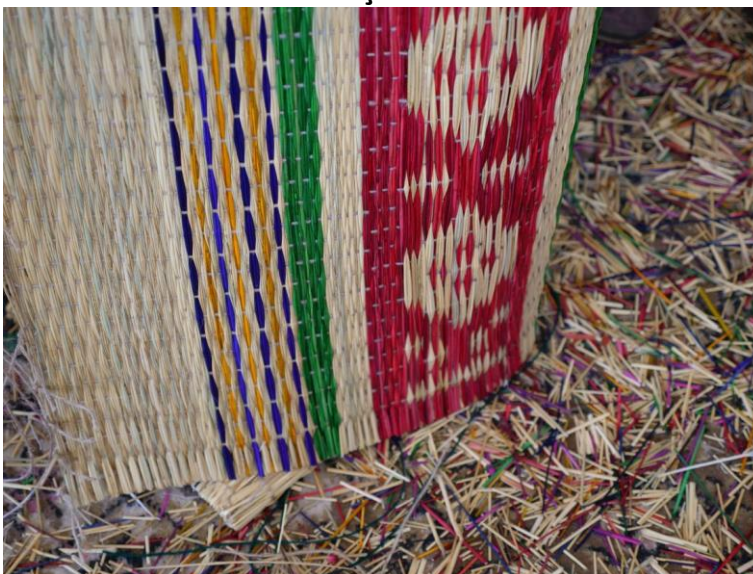
Foto 19. Desenhos: flores e o losango



Foto 20. Combinação de cores



Foto 21. Combinação de motivos e cor



5.1.5. Levantar a cesta (coser a cesta) e acabar a esteira

Dos teares de Forjães saem diferentes produtos, como as esteiras, apesar de serem as cestas os mais icónicos. E estas podem ter diferentes tamanhos e formas.

Figura 22. Monte de Tiras de Junco tecidas



No caso das cestas, tecidas as tiras, logo se distinguem estas entre as 'Peças', as partes principais que formam as cestas, e os 'Pedaços', as que são para formar os lados das cestas. Ou seja, a cesta é constituída por três peças distintas: a 'Peça' da esteira ou o corpo principal; as duas 'tiras' para as paredes laterais da cesta, chamados os 'pedaços'; e, por fim, a asa de junco.

Para cada uma das tiras, tem-se de preparar a urdidura, do tamanho desejado e escolher os motivos para ornamentar as tiras de junco a utilizar.

Antes de se proceder ao coser das peças, o fio de juta, depois de se transformar em meada na dobadora, vai a tingir no mesmo recipiente onde se tingiu o junco.

Mas não deve ser tingido com a água a ferver. Ela deve estar morna, para não o danificar. Normalmente o fio de coser é tingido a verde. As partes da 'peça' e dos 'pedaços' são cosidas com este fio de juta, utilizando uma agulha com camelo (orifício) apropriado ao diâmetro do fio, deixando para o interior da cesta as partes terminais do junco.

Foto 23. Levantamento da cesta**Foto 24. Coser a cesta**

No caso das esteiras para tapetes e passadeiras estas são compostas por uma ou várias tiras, cosidas entre si, conforme a largura pretendida. Quanto ao tamanho, esse varia, mas pode ser bastante comprido quando a distância entre os órgãos A e B do tear é significativa, como é possível ver em alguns dos teares antigos que ocupam totalmente uma divisão da casa.

Acabada a tecelagem, o tear é desarreado. Separam-se as esteiras tecidas e as pontas de junco dobradas durante a tecedura são cortadas com uma tesoura de poda e depois cosidas. Os 'pedaços' e a 'peça' que foram atados, aparados e cosidos, juntam-se com fio de juta tingido, para 'levantar a cesta', ou seja, terminar a obra.

5.1.6. Introdução da asa

Junto com o material do junco (junco marítimo), também o material e a construção das asas das cestas em Forjães se distinguem de todas as outras cestas de junco produzidas em Portugal. Enquanto em Forjães são de junco, as outras são realizadas em vime. Assim, as 'Asas' da cesta têm, em Forjães, originalidade no material, na feitura e na fixação. Elas são compostas por dois feixes de junco torcidos (e não vime, como em outros locais), fixando uma das pontas do feixe e usando as duas mãos para torcer o feixe e dar-lhe a robustez desejada. Depois são fixadas às 'Peças', presas a um pau de mimosa, sobre o qual revira a parte superior da 'Peça', cosida pelo interior, envolvendo a madeira.

Foto 25. Cestas com asas



Isto só é possível pela resistência do junco de águas salgadas e a habilidade em fazer as asas no mesmo material e da forma descrita. Escusado será dizer que as asas de junco são mais cómodas e flexíveis do que as asas feitas em vime. Aliar a resistência à comodidade favorecia estas cestas em relação às produzidas noutros territórios de Portugal.

5.2. Ferramentas e utensílios

As ferramentas utilizadas na produção do artesanato de junco em Forjães são relativamente poucas: para o corte do junco nos juncais a fouce, focinhão ou roçadora mecânica movida a gasolina; para a tinturaria e tecelagem são as seguintes:

5.2.1. Teares

Os teares do junco têm tamanho variado, em forma de retângulo e são uma armação de madeira simples, mas eficiente. Há os que são, pela sua dimensão, fixos e ocupam as divisões onde estão instalados, nas casas ou anexos das casas dos artesãos, e os móveis, muitíssimo mais pequenos, que podem mudar de lugar e até ser levados para eventos e exposições. Na sua organização geral, os teares são assim compostos:

1. Os **rolos ou órgãos** (um móvel e outro fixo);

O tear tem dois órgãos, um a que podemos designar de A, que é fixo e o outro, B, que é móvel. Desliza este nas 'Barandas' do tear, conforme o tamanho ou quantidade de esteiras que se queira tecer. Este órgão B é fixado por dois 'ferros', encaixados nos furos das Barandas do tear.

Foto 26. Rolo Móvel e Rolo Fixo



2. As **Barandas** (Varandas) – duas peças de cada lado, onde corre o rolo. Nas Barandas corre o rolo/órgão B, conforme o tamanho da esteira a fazer. Quando são pequenas, o rolo/órgão B está mais próximo do A.

Foto 27. Barandas



3. O **Fuso** (para esticar o fio). É uma peça de metal tipo torno que serve para travagem e pressão na urdidura, mantendo os fios esticados.

Foto 28. Fuso



4. Os **Pés** (que suportam o tear nas Barandas). Os pés do tear são o que suporta toda a estrutura do tear, fixados nas barandas.

Foto 29. Pés



5. O **Pente** (por onde passam os fios de juta, onde é tecido o junco). Este é um artefacto em madeira, na forma de paralelepípedo estreito, perfurado ao longo da sua extensão, por onde passam os fios de juta que formam a urdidura. O objetivo do pente é bater e comprimir o junco à medida que vai sendo tecido.

Foto 30. Pente

A passagem da trama pela urdidura é feita com os dedos dos artesãos, não havendo, por isso, lançadeira, como nos teares têxteis. Para a confecção das cestas e para os acabamentos das esteiras são utilizadas agulhas para coser, com o fio de juta.

5.3. Equipamentos auxiliares

Como equipamento auxiliar pode-se referir o recipiente onde se ferve a água, à qual se acrescenta o pó das anilinas para o tingimento do junco. Todos os artesãos têm um ou vários recipientes, exclusivamente reservadas a este procedimento, no processo de produção. Também o recipiente onde é colocado o enxofre para enxofrar o junco é um auxiliar neste processo.

5.4. Glossário técnico

Anilinas – são um corante em pó concentrado, com alto poder de tingimento, solúvel em água. As anilinas são aqui utilizadas para tingir o junco nas várias cores presentes nas cestas e esteiras. No início eram utilizadas somente as cores verde e vermelha, mas com o tempo aumentou a paleta de cores utilizadas.

Barandas (ou Varandas) – As duas peças que existem nas partes laterais do tear onde corre o rolo ou órgão.

36

Assejo – O ‘assejo’ é o momento de maior baixa-mar, quando a água das marés não só não cobre a junqueira, como esta está quase seca. O corte do Junco faz-se nos meses de julho e agosto, em quarto minguante e quarto crescente, ou seja, quando o junco está crescido e há o melhor ‘assejo’.

Tem origem no verbo assejar, e aqui tem o significado de ‘espreitar’, ‘vigiar’, ou seja, estar atento ao momento certo da maior baixa-mar para se fazer a ceifa do junco.

Enxofragem (enxoframento) – Processo a que é sujeito o junco após secagem ao ser pulverizado com fumo de enxofre. Coloca-se um vaso com enxofre na base de um amontoado de feixes de junco, construído em castelo com um orifício central e tapa-se tudo com um toldo de plástico. Depois de colocar a arder o enxofre, o seu fumo percorre desde a base até ao cimo dos feixes de junco. Serve para proteção do junco, pelas capacidades de fungicida do enxofre, e para o branquear, a cor base utilizada na tecelagem do junco.

Esteira – Designa a obra dos esteireiros, que tanto pode ser a cesta de junco, como os tapetes e passadeiras do mesmo material.

Esteireiro(a) – Homem ou mulher que se dedica à produção de esteiras (cestas de junco e passadeiras), por tecelagem, na freguesia de Forjães, Esposende.

Fuso – engrenagem em ferro, com um torno, colocada na extremidade do rolo, usada para mover o rolo, prendendo-o, para, assim, esticar o fio de juta da urdidura, de forma a o manter tenso.

Junqueira – Local de terreno alagadiço no estuário dos rios onde cresce o junco marítimo. De acordo com o regime das marés (preia-mar e baixa-mar) este terreno ora fica submerso pelas águas salgadas, ora fica seco ou em lama. A sega do junco faz-se quando estes terrenos estão sem água, na época das maiores marés-baixas.

Fio de Juta – Fios robustos para a urdidura longitudinal, mantidos estacionários e em tensão no órgão do tear, onde se trama longitudinalmente o junco. É do entrelaçamento de fios de juta e dos caules do junco que se tecem as esteiras e cestas de junco. O fio de juta é um fio natural oriundo de uma fibra têxtil vegetal da família *Tilioideae*. Trata-se de uma erva lenhosa que pode atingir 3 a 4 metros e

crece em climas húmidos e tropicais. É muito utilizado para decoração e embalagem, devido ao seu aspeto tradicional e artesanal. Aqui serve como urdidura da tecelagem do junco.

Morro – Local, junto das junqueiras, nas margens do rio, onde, no passado, pernoitavam, acampados, os trabalhadores que estavam no roço do junco. Ali dormiam, cozinhavam e alimentavam-se durante o tempo do corte do junco, principalmente quando estavam mais longe de Forjães, como era o caso do estuário do rio Minho em Caminha. No final desses dias contratavam um camião para transportar para Forjães o junco cortado.

Peças – As partes maiores das ‘tiras’ tecidas de junco que formam a ‘face’ principal das cestas.

Pedaços – As partes menores das ‘tiras’ tecidas de junco que formam os lados das cestas.

Pente – Artefacto em madeira, na forma de paralelepípedo estreito, perfurado ao longo da sua extensão, por onde passam os fios de juta que formam a urdidura.

Retraça – Podres presentes nos caules do junco que devem ser retirados após a seleção e a enxofragem do junco.

Roça – parte da junqueira contratualizada entre os esteireiros e o dono da propriedade onde se sega (roça) o junco.

Rolo ou órgão – Rolos de madeira, um móvel e outro fixo, situados nos dois extremos do tear por onde passa o urdume. O rolo móvel desloca-se dentro das Barandas (Varandas), que têm furos onde se coloca um ‘ferro’, para o prender, conforme o tamanho da ‘tira’ a tecer.

Segar (e roçar) o junco – corte de junco nas junqueiras dos estuários dos rios. Usam-se a fouchinha e ‘fouchinhão’, antes de se utilizar as roçadoras mecânicas.

Tira – Peça de junco tecida conforme o tamanho pretendido.

5.5. Vocabulário associado

Arrear o tear – Ação realizada com o ‘ferro’, antes de se iniciar a tecelagem, após ter o tear urdido, e que coloca a urdidura em tensão, pronta para inserir a trama de junco. O Contrário desta ação é ‘desarrear o tear’, para se retirar as ‘tiras’, de esteiras já tecidas.

Dar a batidela – Bater com o pente sobre a trama de junco tecido na urdidura, para compactar e juntar bem os caules, durante o processo de tecelagem.

'Dar os papéis' – escrita, em papéis, das datas (quando já se sabe a data da lua em quarto crescente e quarto minguante, correspondente às maiores marés-baixas) de sega do junco para entregar a quem vai segar, depois da efetivação do contrato de compra das roças nas junqueiras entre os esteireiros e os donos dos terrenos. No passado fazia-se normalmente em Fevereiro, vários meses antes da roça do junco.

Levantar da cesta – Expressão empregue para designar o processo de finalização da cesta, cosendo a 'peça' principal e os 'pedaços', a que se acrescenta a colocação e fixação da asa.

Urdir o tear – Consiste num conjunto de ações: escolher o pente a utilizar, tendo em conta o trabalho final que se pretende; passar o fio de juta pelos orifícios do pente e pelos dois órgãos, fixando os fios, de forma a que por entre eles se possa tecer o junco.

6. Identificação das principais características físicas do produto, tais como dimensões, formas, desenhos ou padrões e cores predominantes

6.1. Tipos de esteiras

Por esteiras entende-se o resultado da produção do artesanato em junco, feito em teares, com material oriundo do junco marítimo, num 'saber fazer' que tanto pode referir as cestas de junco como os tapetes ou passadeiras de junco. A técnica de produção é a mesma, no tear, mas os tamanhos e organização dos motivos decorativos são diferentes, conforme o objetivo pretendido. Assim temos:

6.1.1. As Cestas de Junco

No passado, as cestas de junco tinham uma grande utilização no mundo rural. Dentro delas se transportavam os produtos hortícolas, as frutas e até animais de capoeira. Serviam também para transportar a mercearia, as refeições e merendas, consumidas no campo ou nas romarias, ou aquelas que os operários levavam para os seus locais de trabalho. Hoje as cestas recuperam a sua função de transporte de bens. Num uso mais burguês e elitista, elas servem para o transporte de bens pessoais, de atoalhados e adereços para uso na praia e piqueniques, etc.

Os tamanhos das cestas variam conforme a encomenda do comprador ou revendedor. As maiores podem ter uma largura de 50 cm e de altura 30 cm. Toda a cesta é construída em junco, inclusive a asa. O único material que não é de junco são: 1. o fio de juta, que serve de urdidura e com o qual as diferentes partes são cosidas; 2. os pequenos paus de madeira (de mimosa) que seguram a asa.

6.1.2. Imagens ilustrativas dos motivos tradicionais mais frequentes

Foto 31. Barras



Foto 32. Estrela



Foto 33. Flores



Foto 34 Lançadeira



Foto 35. Pião



Foto 36. Quadrado



Foto 37. Riscas



Foto 38. X

As cestas de junco de Forjães têm de ter as seguintes especificações de produção:

1. Utilizarem nas três partes componentes da cesta (Peça, Pedacos e Asa) o junco marítimo (de água salgada);
2. Usarem apenas material de junco marítimo para a construção das asas. Este é o principal elemento diferenciador de outras cestas de junco confeccionadas em Portugal;
3. Fixação das asas na 'Peça' principal segundo o descrito no processo de produção, e usando um pau de mimosa;
4. Pode variar a forma e tamanho da cesta, desde que mantenha os materiais referidos. Quando uma parte da 'Peça' principal cubra a parte superior da cesta e desça para o outro lado, pode ser fixada nessa face da Peça por dispositivos de fixação vegetais, de couro ou metais;
5. Use a paleta de cores estabelecida pelo desenvolvimento deste artesanato: cor 'natural'; verde, vermelho, rosa, azul, amarelo e lilás.
6. Desenhe, com a tecelagem de junco tingido os motivos estabilizados pela tradição: geométricos, florais, vegetais e simbólicos, nomeadamente: as flores, as barras, o quadrado, o pião, a estrela, as riscas, a lançadeira e o X.
7. Mantenha, na produção, os materiais, instrumentos e processos descritos neste "Caderno de Especificações".

Foto 39. Foto ilustrativa de cestas com vários motivos



Foto 40. Foto ilustrativa de cestas com vários motivos



Foto 41. Foto ilustrativa de cestas com vários motivos



6.1.3. Os tapetes e passadeiras

No caso das esteiras para tapetes e passadeiras, ou outros objetos passíveis de serem criados com junco, devem seguir-se as seguintes especificações:

1. Usarem exclusivamente junco marítimo;
2. Seguirem a paleta de cores tradicionais anteriormente referidas;
3. Usarem as ornamentações e desenhos tradicionais estabelecidos e já referidos;
4. Seguirem os processos de produção e utilizarem os instrumentos estabelecidos pela tradição artesanal de Forjães, referidos neste Caderno de Especificações.

Foto 42. Esteira



Foto 43. Exemplo de tapete e pasadeira exposto na parede

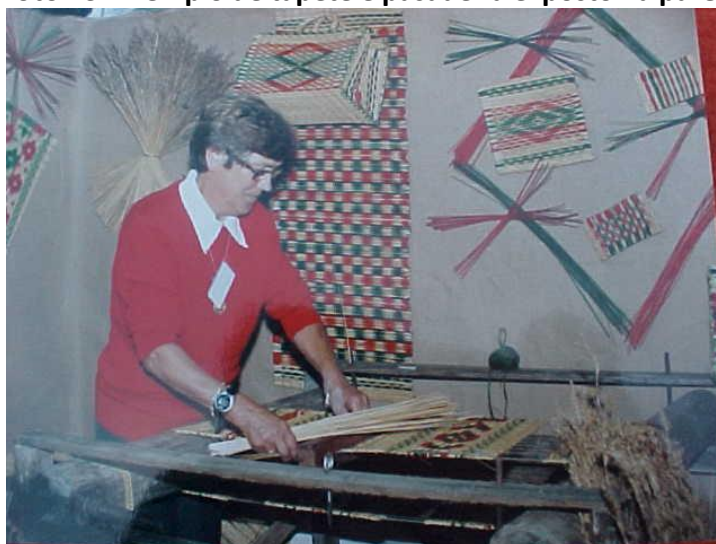


Foto 44. Exemplo de tapete e pasadeira exposto na parede



7. Condições de inovação no produto e no modo de produção que garantam a preservação da especificidade do produto

Tendo em conta o desenvolvimento e história do artesanato do junco em Forjães, Esposende, vemos como possível surgirem novas alterações na forma e funcionalidade das esteiras produzidas nos teares tradicionais. A criatividade dos artesãos e expectativas dos clientes podem suscitar produtos mais atrativos e funcionais, dado sabermos que o uso deste artesanato na atualidade está muito distante dos usos tradicionais do momento histórico e social em que surgiu.

Essa inovação e criatividade é bem-vinda desde que se preservem as especificidades anteriormente referidas. Ou seja, não vemos que seja pernicioso para a genuinidade do artesanato do junco de Forjães o surgimento de novos produtos finais, desde que o processo de produção das esteiras (as 'tiras') cumpra com as especificações dos materiais empregues (o junco marítimo e o fio de juta), o processo de tingimento e de tecelagem no tear tradicional, assim como o uso das cores e desenhos tradicionalmente estabelecidos.

Do mesmo modo, os produtos que surjam como inovação devem inscrever-se nas duas grandes tipologias de produtos que a tradição foi consagrando: as cestas (podendo alargar-se, como já hoje sucede, a produtos relativamente afins tais como as carteiras ou as mochilas) e os tapetes e passadeiras (podendo alargar-se a outros artigos planos de uso no lar, como os individuais ou outros).

A conjugação e o cruzamento com outros materiais é possível, no domínio da inovação, desde que aqueles surjam em proporção significativamente menor à intervenção em junco, que deverá prevalecer em, pelo menos, 75% da peça.

8. Bibliografia

Almeida, Carlos Alberto Brochado (2001). *Santa Marinha de Forjães: Memórias de uma paróquia do Minho*. Forjães: Edição do Conselho Económico Paroquial da Vila de Forjães.

Almeida, Carlos Alberto Brochado (1978). As esteiras de Forjães. *Mínia*, Braga, 2ª Série, ano I (2): 65-79.

Miranda, Álvaro Santos (1975). Manufactura popular do Junco em Forjães – Esposende. *XXII Congresso Luso-Espanhol da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências*. Coimbra: 399-406.

Viana, Rui Faria; Sá, Virgínio (1991). As esteiras de junco de Forjães. *Jornal Farol de Esposende*, 28 de março de 1991.

Edições de novembro de 1991 e dezembro de 1992 do jornal *O Forjanense*.

9. Ficha Técnica

Coordenação

Álvaro Campelo

José Costa

Pesquisa e Trabalho de Campo

Álvaro Campelo – *Coletivo Criatura*

Tiago Pereira - *Coletivo Criatura*

Elaboração do Caderno de Especificações para a Certificação:

Álvaro Campelo – *Coletivo Criatura*

José Costa – *Câmara Municipal de Esposende*



**JUNCO
DE FORJÃES**
ESPOSENDE